

Parma

É a sul de Milão, aonde se chega aterrando no incontornável aeroporto de Linate. Curioso isto, porque existe em mim mesmo a mania de que os nomes italianos acabam sempre em "i"; mas o outro aeroporto de Milão (menos conhecido dos portugueses) é o incontornável Malpensa! Malpensa, cheira a coisa má; isto como quem diz "mal pensa, mal faz", a maledicência ... e a "malefazência" - coisa incontornável essa, com amplas tradições entre nós; incontornável, talvez mais do que incontornável.

De facto existe Parma, com o seu presunto, o queijo, uma cozinha ímpar, existe a Parmalat, a Barilla: Parma é das mais ricas cidades de Itália.

Junto a ela, virados para o mar, estão os Apeninos. Aí há aldeias, antigas como as de Roma. Também aí se come bem (para quem gosta).

Lembro-me de Bardi com o seu fantástico castelo, de Varsi. Há até um lago em Varsi, diz-se que aí houve um mosteiro, mas sabe-se que isso é lenda. Lembro-me de uma paz interior que senti tantas vezes nessas montanhas. Devo ter andado por alguns lugares aonde isso me acontece... Costuma acontecer-me no Rio de Janeiro, em Recife, como aconteceu em Sydney, em Brisbane, mas não acontece em Portugal nem em Moçambique, aonde nasci. Não aconteceu quando lá voltei, há três anos, embora tenha recuperado memórias, mas que eram cheiros e cores - coisas do mundo sensível; essa paz total faz-me acreditar em Platão, e o seu outro mundo é difícil de rever.

Um dos meus maiores amigos de sempre chama-se Luigi Cordani, trabalhou muitos anos na Motta, depois comprada pela Nestlé. Conheci lenhadores cultos, ferroviários com a face talhada pela civilização. (Também na Austrália não é necessário ter cara de mau e a barba por fazer para conduzir um enorme barco.) Muitos dos meus amigos italianos já morreram, como Giorgio, um geómetra primo de Luigi. Também recordo os seus pais, a mãe sempre serena, o pai tinha andado arrastado para as batalhas de Rommel. Coisas estranhas: o pai do meu cunhado australiano combateu do outro lado, esteve vários anos na Itália, já depois da Guerra acabada, porque sendo professor de matemática tinha queda para línguas, aprendeu italiano, foi tradutor. Vi o capacete dele, em casa da minha irmã, no bairro de Kenmore. Esse capacete igual aos que vemos nos filmes da 2ª Guerra, entre o "quem sou eu?" e o absoluto absurdo do "que é isto?", o capacete interroga-nos. Interrogam-me os dois milhões de vagabundos que vagueiam pela Itália; pedem-me dinheiro, querem vender um isqueiro Bic, um elefante de madeira sempre igual, que não me parece africano (e eu até o sou); danço nestas interrogações. Posso dizer que deixei de ir a Itália, aonde passei tantos dias de paz e verdadeira felicidade. Aí bebi de uma fonte, nos tais Apeninos, com a mulher que viria a ser a mãe da minha filha. Já sabia, disse o Luigi depois; é fatal. Noites estreladas de Agosto, noites geladas de Março, os Alpes nevados vistos de um avião, a simpatia de um povo que conhece a sua História e por isso não se acha nem mais nem menos que os outros. A Calábria, a Sicília, Brindisi, Bari, Alberobello, essa Itália do Sul que não é uma arábia... Deixei de ir a Itália, há demasiadas perguntas, não sei se lhes quero tentar responder; nunca esquecerei, mas também não quero lembrar-me demais.